



PSICANÁLISE

Marcela Carolina Schild Vieira

Freud pediatra

*A experiência com crianças na origem
da psicanálise e suas ressonâncias
na contemporaneidade*

Blucher

FREUD PEDIATRA

*A experiência com crianças na origem da psicanálise
e suas ressonâncias na contemporaneidade*

Marcela Carolina Schild Vieira

Freud pediatra: a experiência com crianças na origem da psicanálise e suas ressonâncias na contemporaneidade

© 2025 Marcela Carolina Schild Vieira

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Ana Cristina Garcia

Produção editorial Kedma Marques

Preparação de texto Regiane Miyashiro

Diagramação Thais Pereira

Revisão de texto Lidiane Pedroso Gonçalves

Capa Juliana Midori Horie

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Vieira, Marcela Carolina Schild

Freud pediatra : a experiência com crianças na origem da psicanálise e suas ressonâncias na contemporaneidade / Marcela Carolina Schild Vieira. – São Paulo : Blucher, 2025.

200 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2641-3 (Impresso)

ISBN 978-85-212-2639-0 (Eletrônico - Epub)

ISBN 978-85-212-2642-0 (Eletrônico - PDF)

1. Psicanálise. 2. Psicanálise infantil. 3. Análise da criança. 4. Freud, Sigmund, 1856-1939. I. Título.

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

CDU 159.964.2

Conteúdo

Apresentação	11
Ensaio: entre o antes e o depois	13
Introdução	
O que é um começo?	21
1. Em busca das pegadas: caminhos de Freud entre 1886 e 1896	41
2. Releituras a partir da experiência com crianças	83
3. Por que Freud hoje? A psicanálise com crianças	135
Considerações existenciais: esboços conclusivos	173
Referências e sugestões de leitura	189

Apresentação

Este estudo procura dar visibilidade ao período de dez anos (1886 a 1896) em que Freud atuou de forma empreendedora no campo da pediatria e da neuropatologia infantil, considerando que muitos elementos de sua atuação sensível e criativa possuem relação com esse momento de sua vida. Com largo acesso a crianças, famílias e figuras protagonistas de um contexto de políticas de prevenção de doenças infantis, Freud acessou um conjunto brutal que interseccionava as áreas médicas, políticas e pedagógicas. A proposta da pesquisa que deu origem a este livro é analisar os possíveis impactos dessa experiência na clínica e nas formulações teóricas que nos anos seguintes culminaram no surgimento da psicanálise. A ancestralidade da experiência de Freud na neurologia pediátrica, para além de uma atualização histórica, mostra-se relevante diante dos desafios e construções contemporâneas, reafirmando seu princípio científico profundamente orientado pela ética do cuidado.

Ensaio: entre o antes e o depois

O desejo de retomar a escrita sobre o tema da pesquisa de alguma forma se instalou praticamente na sequência do que teria sido o seu fim; reconheço não se tratar de um sentimento totalmente novo, desconhecido ou exclusivo. O percurso de uma pesquisadora está determinado pelo fluxo incessante, de modo que uma pergunta tende a encontrar outra pergunta e assim seguir. No entanto, o que se fez presente me parece desde então corresponder à outra fonte, algo significativamente diferente e não pertencente à paleta das curiosidades. Sua origem está mais associada ao campo da repulsa e da necessidade de buscar um espaço genuíno para aquilo que não cessa de inquietar.

É evidente que as etapas objetivamente definidas pelo registro da finalização da escrita, a entrega propriamente dita do material até ali reunido e o ritual de apreciação pela banca examinadora marcaram algo de conclusivo, especialmente naquilo que coloca em prática a experiência de compartilhamento e aciona o campo das discussões de forma instigante. Assim colocado, o ponto sobre o qual me reconheço impelida a enfrentar é da ordem daquilo que radicalmente se reposicionou sobre meus referenciais epistemológicos e, sobretudo, diante

daquilo que se deslocou a partir das contradições, rupturas e contato com o sofrimento.

Uma vez que a história da psicanálise não foge à regra de ser sustentada por repertórios, crenças e práticas profissionais altamente correlatas ao processo histórico vigente, é preciso continuamente enfrentar que algumas escolhas e posicionamentos se consagraram em razão de experiências sociais, culturais e políticas *dominantes*. Desde seu surgimento até sua consolidação, a teoria psicanalítica não deixou de ser atravessada por correntes com maior ou menor relevância que inspiraram novos arranjos e elucidaciones. A proposição de uma pesquisa que recupera uma parte histórica, por mais relevante e inspiradora que possa parecer, sem dúvida carrega uma dose significativa de perturbação. Nessa perspectiva, pretendo destacar duas dimensões que chegaram até mim sob esse registro mais embaraçado, das quais destaco a noção de pediatria por mim adotada e os feixes arraigados de uma cultura predominantemente elitista que nos exige a todo momento problematizar o conjunto das apreciações trazidas.

Certamente a escolha de um trabalho intitulado *Freud pediatra* contempla uma série de elementos provocativos, entre eles alguns mais emocionantes e outros tantos duvidosos. Nesse sentido, mesmo podendo soar redundante, parece ser prudente advertir que a proposição que nomeia a pesquisa é intencional, preservando a noção de pediatria próxima a Freud como elemento esfíngico. A inscrição dessa referência foi gradualmente estabelecida, principalmente, à medida que fui reconhecendo ao longo das releituras dos textos freudianos a presença de sua formação teórica, das relações com especialistas e autoridades da época, sua larga experiência clínica e consagrada produção acadêmica sobre o tema. Em contrapartida, as perspectivas que gradativamente foram ganhando mais e mais relevância apontam para as bases fortemente ideológicas que alicerçaram uma especialidade médica voltada para o cuidado das crianças e suas famílias, fundamentalmente marcada por

condicionantes sociopolíticas interessadas na preservação da saúde e na formação dos indivíduos de acordo com parâmetros desejáveis.

A premissa da história da pediatria pertencer ao contexto de uma medicina que durante o século XIX pavimentou seu alcance e se estabeleceu como grande protetora da vida, radicada no desafio de enfrentar as altas taxas de mortalidade infantil, revela em sua origem uma narrativa fortemente instrumentada na ideia de transformação social que atingiria não apenas as crianças, mas também a representação da mulher, da família e o papel do profissional de saúde. A infância, compreendida como um circuito inacabado, um tempo de fragilidade e imperfeição, requer a presença de um agente social e profissional capaz de garantir uma plena chegada à vida adulta. Nessa sequência, coube aos pediatras o papel de protetores da vida, livrando as famílias dos destinos mortíferos e, sobretudo, responsáveis pela formação ideal da prole a um suposto destino de força e vitalidade.

Não demorou para que a atuação dos pediatras se pautasse por termos como “comportamento normal” e “funcionamento normal” do organismo infantil, de tal modo que a concepção de saúde foi sendo combinada com a noção de sujeito civilizado, exigindo intervenções cada vez mais precoces frente às manifestações “indesejáveis” e comportamentos desviantes da ordem. Não parece exagerado considerar que os caminhos e tensões epistemológicos existentes desde então são também conflitos políticos marcados por constructos ideológicos que se apresentam por meio das escolhas e preferências de grupos profissionais, primazia por certos temas e narrativas, assim como uma significativa orientação sobre as determinações institucionais.

É inegável a importância e a relevância dos saberes pediátricos, sendo inquestionável o volume de contribuições e aportes decisivos no cuidado de bebês, crianças e suas famílias. Destaco em especial a expressiva disponibilidade para refletir sobre as práticas e diretrizes terapêuticas, inspirando o enfrentamento de problemáticas que colocam

em cena a complexa teia sobre a ética do cuidado e os desafios do pacto civilizatório. No entanto, não se pode desconsiderar a difusão de um ideário, sobretudo, elitista, moralizador, eurocêntrico e masculinizado que desqualifica os outros saberes, sejam eles ancestrais ou mesmo pertencentes a outras especialidades sob a gerência do discurso médico. O ideal de civilidade assim pensado se orienta pela confirmação das ciências e atividades profissionais suficientemente capazes de assegurar a justa adequação aos bons costumes e a consagração de padrões de excelência comportamental que se fundem às noções estéticas, morais e econômicas travestidas de saúde. Diante desse constructo paradoxal, não estão ausentes as representações ligadas aos dotes morais dos pais e à suposta superioridade eugênica de crianças sem doença acima das reflexões socialmente compartilhadas.

É nesse ponto que gostaria de retomar a proposição título do trabalho, pois, ao enunciar dessa maneira, *Freud pediatra* agrupa tanto sua experiência clínica condizente à época, mas, especialmente, sua função enquanto teórico especializado, constituindo o tecido dos saberes e diretrizes terapêuticas revolucionárias à época com especial destaque para “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. Acredito que, alguns anos depois, as fronteiras da especialidade pediátrica já haviam alcançado uma maior inscrição, de modo que Freud provavelmente não mais se ajustaria a essa nomenclatura, sendo mais adequado referi-lo enquanto neurologista infantil. Tendo em vista a escolha de tomar como referência justamente o período no qual ele havia recebido uma formação generalista sobre a temática da infância, bem como o conjunto amplo no qual esteve inserido ao longo dos anos dedicados ao *Max-Kassowitz Institut*, optou-se pelo termo mais policlínico dos cuidados médicos relativos à criança como estratégia que coloca em destaque sua função cidadã.

Não parece exagerado considerar que cabe ao leitor uma genuína disponibilidade para atravessar o texto que se segue, uma vez que avançará sobre um território imperfeito, um ensaio sobre uma superfície

pouco explorada sob essa perspectiva e ainda absolutamente repleta da equivocada tendência de desconsiderar a heterogeneidade histórico-cultural por uma versão linear, eurocentrada e opressora. A psicanálise, mesmo carregando em si um espírito e projeto transgressor, ainda não é o suficiente para o vasto relevo das subjetividades marginalizadas, linguagens e conhecimentos subalternizados. Contudo, é sensível ao maquinário das relações de poder sobre o qual o sujeito está inscrito, especialmente ao considerar a ordem das discursividades fundamentais ali instaladas, ocupando-se profundamente com o reconhecimento e a reparação das histórias silenciadas.

A narrativa eurocentrada impregna um indecente e vergonhoso padrão de poder que nos leva a uma concepção de humanidade completamente distorcida, impondo práticas e parâmetros de diferenciação a serviço da segregação e da dominação de corpos, mentes e desejos. Diante das singularidades corrompidas, dicotomizadas por critérios entre inferiores e superiores, irracionais e racionais, primitivos e civilizados, todo registro carrega em si o espólio maldito da reprodução do modelo de exclusão radical presente nos discursos e práticas ocidentais até a atualidade. A partir desse referencial, retorno ao sentimento da urgência da escrita, do trabalho inacabado e da necessária inclusão de uma experiência que me atravessou durante o período da elaboração dessa pesquisa, agora transformada em livro. É imprescindível homenagear e retribuir de alguma forma um grupo de crianças que, diante da cruel vivência imposta pela completa devastação, vulnerabilidade, destruição e morte, reivindicaram um lugar esperançoso.

Para realizar este trabalho, precisei organizar no momento da escrita pequenos retiros que pudessem me assegurar tempo e dedicação exclusiva à tarefa. Em um desses momentos, provavelmente o que mais aguardei e criei expectativas sobre a provável produtividade ao longo daqueles dias, algo inusitado ocorreu: o litoral norte do estado de São Paulo foi assolado em fevereiro de 2023, resultado da conjunção de um fenômeno climático extremo com um conjunto de violações ambientais

e negligências por parte dos órgãos responsáveis (prefeitura, defesa civil, entre outros). A chuva intensa que atravessou toda uma noite cortou morros, arrastou tudo o que estava em seu caminho e destruiu a vida de milhares de pessoas, demonstrando que o real pertence à ordem do inominável.

Não precisei lidar com a urgência da casa invadida pela água, lama, troncos e destroços. Não fui resgatada e nem resgatei ninguém. Não precisei deixar nada objetivo para trás. Mesmo assim, algo nunca mais retornou ao lugar depois daquela noite. Ali houve um antes e um depois, uma rachadura na existência, uma suspensão radical e a descontinuidade temporal característica das emergências. O cenário da destruição se impôs, mas rapidamente foi possível perceber que o mesmo não ocorre diante das perdas, das dores causadas na luta pela sobrevivência e do absoluto sentimento de desamparo coletivamente compartilhado. Como é próprio das situações terríveis, foi dilacerante acompanhar pessoas completamente devastadas ao lado de uma quantidade significativa de indivíduos que gozavam diante do arranjo inflacionado de suas fugas por meio de robustos helicópteros – devidamente registrados pelos aparelhos celulares com sorrisos assombrosos.

No segundo dia após a catástrofe, eu me apresentei como voluntária no Instituto Verdescola,¹ local que se tornou base para as operações de resgates, abrigo para as inúmeras pessoas que tiveram que abandonar tudo para trás, local de atendimento dos feridos, pontos de coleta e retirada de doações, enfim, um grande centro de referência para as necessidades daquele contexto. Como psicóloga, fui orientada a compor a equipe dos profissionais da área da saúde, recebi uma pulseira específica e duas designações: estar a postos para acompanhar as famílias na identificação dos corpos assim que chegassem ao local

1 O Instituto Verdescola é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, fundada em setembro de 2005 na cidade de São Paulo, e que em 2008 passou a atuar na cidade de São Sebastião, litoral norte de São Paulo.

e cuidar de um grupo de crianças que ocupavam uma área ao fundo da quadra poliesportiva.

O grupo era bastante heterogêneo, estava disperso e cada criança parecia ter assumido um lugar de onde não devia sair, uma espera nervosa e angustiante que nos submergia num fluxo de sensações atordoantes. Havia ali solidões absolutas, as crianças em estado de choque mal se mexiam, pouco brincavam e um silêncio ocupava esse espaço com ecos perturbadores. Todos parecíamos muito estranhos uns aos outros e, nesse desencontro, comecei reconhecendo para mim mesma que aquilo tudo era muito assustador. Fiquei por ali; haviam sido disponibilizados alguns brinquedos, papéis e lápis de cor. Lentamente, as aproximações começaram a acontecer, uma criança após a outra, tudo muito gradual e sem a pressa que costuma determinar o ritmo das ações em geral. De repente, percebi que estávamos compartilhando as histórias de como cada um havia conseguido chegar até o abrigo, de como cada um havia escapado da morte e como tudo era antes da chuva em meio a rabiscos, dobraduras e cenas aleatórios com blocos de montar ou qualquer outro objeto que estivesse ao alcance.

Como o pior aconteceu durante a madrugada, várias crianças reconheceram que conseguiram escapar por terem acordado suas famílias quando a água já estava tomando os cômodos da casa, e mais de uma criança contou que, logo após a fuga, tudo havia sido arrastado pela enxurrada. Havia sido por muito pouco e, segundo a análise de uma das meninas, a sorte foi por serem crianças, mais sensíveis aos barulhos e por essa razão acordaram com facilidade. Outra garota, que passou a maior parte do tempo abraçada às próprias pernas, disse estar com muito medo da chuva voltar, que não conseguiria escapar pela segunda vez e tinha medo de morrer. Chorou muito.

Bem próximo de onde estávamos era a área de concentração e descanso dos bombeiros que atuaram na linha de frente dos resgates. Assim, enquanto conversávamos e brincávamos, os “heróis”, como um outro garotinho se referiu, tiravam os macacões enlameados,

colocavam as botas para secar, dormiam no chão e compartilhavam suas histórias. Foi emocionante quando um deles abraçou um colega e contou que tinha conseguido salvar um bebê horas antes – os dois choraram. Em outro momento, percebi alguns meninos construindo um forte usando lápis de cor; cravavam um a um entre os colchonetes até formarem uma grande cerca quadrada e colorida. Diversos brinquedos ficaram na parte de dentro “da base de segurança” e, em cada uma das pontas, um boneco de super-herói foi posicionado. Em seguida, tiveram outra ideia: fizeram aviões e barcos de papel capazes de chegar até esse local trazendo roupa, comida e luz para as pessoas.

Foram encontros inesquecíveis, momentos construídos e compartilhados num pesadelo que ganhou nomes, memórias, palavras e corpos que, de alguma forma, precisavam ser registrados na essência deste trabalho.

Na relação com um pensamento psicanalítico sensível às formas de segregação que cabem ao meu tempo, é a busca por uma postura aberta e disponível a outros discursos que me orientam acerca de uma função social possível. Sem a pretensão de dar conta de todas as coisas, mas com intenção de desnaturalizar a construção racial, patriarcal e colonialista que permanece vigente no mundo, a maneira até aqui alcançada aponta para a tentativa permanente de colocar em evidência os aspectos ambíguos dos processos identitários e dar importância à retomada dos aspectos políticos e relacionais neles envolvidos.

Introdução

O que é um começo?

Acho que me arranjará sem demora na clínica de crianças.

Uma frase simples marca a abertura deste trabalho após promover uma profunda ruptura paradigmática em meu percurso no campo psicanalítico, mais especificamente voltado à clínica infantil. Não precisaríamos demorar na colocação trazida na epígrafe acima, um tanto banal e usual entre os que amplamente se dedicaram e por isso são conhecidos em sua prática com crianças. A surpresa ecoa por ter como autor Sigmund Freud e corresponder a uma passagem retirada de uma das muitas cartas que escreveu endereçada a sua então noiva Martha Bernays, em 10 de março de 1886 (Appignanesi & Forrester, 2010, p. 78).

Nessa sequência, encontram-se revelações de um jovem médico ansioso por empreender uma grande descoberta para a ciência e em busca de uma direção profissional que também lhe proporcionasse conquistas de caráter pessoal, a exemplo dos planos de casamento que por muitas vezes pareceram infundados em razão de sua insuficiente condição financeira – nas cartas escritas por Freud até o final de 1899 e posteriormente publicadas, foram encontradas 116 referências a

problemas financeiros (Freud, 1856-1939/2014). Ainda na carta de março de 1886, acrescentaria a passagem que antecede a expressão já trazida sobre o “novo” interesse de Freud. Assim ele escreveu:

O que me atrai mais . . . são as crianças da clínica que, devido ao seu formato pequeno e porque geralmente são bem lavadas, acho material mais atraente do que as grandes edições de pacientes. Enquanto seus cérebros estão livres de doenças, estas criaturinhas são realmente encantadoras e tão comoventes quando sofrem. Acho que me arranjaría sem demora na clínica com crianças. (Appignanesi & Forrester, 2010, p. 78)

Posso dizer que a surpresa inicial deu lugar ao estranhamento, passando ainda mais próximo da descrença, para enfim tornar-se a inquietude que aqui me coloca. Até aquele momento, minha referência no campo psicanalítico freudiano versava sobre um percurso que, apesar da volumosa teorização em torno da infância, realizara-se sem a existência de experiências clínicas com os pequeninos. Os registros difundidos sobre o contato de Freud com crianças basicamente se localizam em dois contextos: o cuidado indireto por meio do trabalho junto ao pai de Hans e sua experiência pessoal com os próprios filhos e netos. No entanto, por essa curta passagem em relação à clínica dos pequenos, passei a seguir os vestígios que me levaram ao encontro dos aspectos de uma dimensão do pai da psicanálise pouco explorada pelo meio científico, a saber, *sobre sua extensa experiência na clínica pediátrica*.

Espero aqui lançar luz para o período em que Freud atuou de forma empreendedora no campo da pediatria e da neuropatologia infantil, considerando que muitos elementos de sua atuação sensível e criativa podem possuir relações com esse momento de sua vida, inter-relacionada a um movimento científico e ativista sobre uma ética do cuidado que farão parte das bases para o pensamento psicanalítico.

Ao longo deste percurso, um vasto material sobre movimentos e outras considerações sócio-históricas intrigantes serão incluídos na medida em que oferecem cruzamentos sensíveis entre o contexto, os caminhos profissionais de Freud e sua vida pessoal – não é pouco lembrar que, nesse mesmo período (1886 a 1896), ele e Martha se casam, nascem seus seis filhos, o consultório no número 19 da Berggasse se consolida como seu local de trabalho e seu pai, Jakob Freud, morre em junho de 1896.

A carta para Martha é escrita no caminho de volta de Paris a Viena, após um breve período de trabalho em Berlim, onde realizou um curso com Adolf Aron Baginsky, figura influente e renomada na comunidade médica da época, professor de pediatria e um dos precursores da política de prevenção de doenças infantis. Em suas considerações, Baginsky atribuía uma importante relação entre o onanismo e o adoecimento mental, associando-o por sua vez à falta de higiene e de caráter infeccioso (Bonomi, 1994, p. 55-99). À medida que o foco é ajustado para ganhar amplitude e profundidade nesse campo, chegamos a uma imagem desconcertante acerca de um conjunto brutal, que intersecciona as áreas médicas, políticas e pedagógicas de maneira extremamente violenta e intrusiva. Roudinesco (2014/2016) aponta que “sem dúvida alguma, em Berlim (Freud) tomou conhecimento das torturas e mutilações então infligidas às crianças para impedi-las de se masturbarem” (Roudinesco, 2014/2016, p. 62).

A história de Freud como clínico infantil teve como marco inicial o seu retorno para Viena em abril de 1886, onde aceitou ser o responsável pelo departamento de neuropatologia do *Erstes Öffentliches Kinder-Krankeninstitut in Vienna*, também conhecido como *Max-Kassowitz Institut*, fundado em 1788 para oferecer atendimento gratuito às crianças vindas de famílias pobres. Sua atuação neste que foi o primeiro hospital público para tratamento e diagnóstico infantil de Viena, e o segundo da Europa, estendeu-se até 1896. De modo que, ao longo desses dez anos, Freud trabalhou de duas a três vezes por

semana no atendimento de crianças e seus familiares, contando com acesso ilimitado aos pacientes e sem interferência de seus superiores. Tal situação lhe permitiu, inclusive, utilizar cerca de noventa casos clínicos de seus pequenos pacientes em importantes publicações para a época, entre elas, duas monografias sobre a paralisia infantil pouco conhecidas pela história da psicanálise, a primeira, escrita com Oscar Rie em 1891, *Clinical Study on the Unilateral Cerebral Paralysis of Children*, e a outra, escrita em 1893, *On the Knowledge About Cerebral Diplegia of the Childhood Age*.

Publicado em 1897, o livro *Paralisia cerebral infantil* (Freud, 1897/1968) contempla substancialmente o percurso de estudos sobre essa temática e esse período de grande experiência que, apesar de trazer contribuições extremamente empreendedoras e com alto rigor técnico até para os dias de hoje, ainda segue entre as obras de Freud menos estudadas ou valorizadas pelo campo psicanalítico – o maior interesse na atualidade parece circular entre os estudiosos das neurociências. No entanto, esse trabalho estabelece um enquadre nosográfico a respeito desse diagnóstico de origem cerebral, decisivo para a maneira global de se tratar a temática, e, conseqüentemente, sobre todo o funcionamento do cérebro humano.

Por essa razão, já seria suficiente assegurar um lugar permanente e pulsante da obra freudiana na neurologia clínica, uma vez que, além de refinar as especificidades em torno da genealogia das paralisias, esse material contém considerações que merecem uma cuidadosa releitura, por apontar elementos do que se convencionou chamar por neuroplasticidade cerebral quase um século depois. Para ele, já não fazia sentido a relação direta e localizacionista de uma doença nervosa com uma lesão anatômica correspondente. Incide dessa forma uma ampliação radical da compreensão na direção de um distúrbio das funções, em que não apenas os neurônios atuam diretamente, mas também reposiciona paradigmaticamente um complexo e dinâmico sistema interconectado.

É possível pensar que esse trabalho se configure como um dos desdobramentos de reflexões sistematizadas em dois outros de significativa importância: “Tratamento psíquico” (Freud, 1890/2022b) e “Sobre a concepção das afasias” (Freud, 1891/2022). Nesse sentido, a agulha magnética parece apontar rumos em consonância com esta pesquisa e alinhada ao empenho de Freud em reinscrever a tensão entre as visões pragmáticas do corpo, da doença e da medicina num movimento potente de expansão do campo da neurologia. Elaborado numa perspectiva mais clínica, o texto “Tratamento psíquico” traz elementos que salientam o contexto de pesquisas neurológicas, noticiando de alguma maneira os desdobramentos obtidos por Freud de suas experiências clínicas e teóricas alcançadas até aquele momento. A palavra nesse texto é exaltada enquanto dispositivo fundamental para a constituição humana: “como sabemos, são os mais importantes mediadores da influência que uma pessoa quer ter sobre a outra” (Freud, 1890/2022b, p. 31). Coloca em destaque a reflexão sobre como a ciência poderia restituir em alguma medida seu papel terapêutico, reconhecendo por excelência seu caráter indissociável e herdeiro das práticas curativas dos sacerdotes para o tratamento mental – “não soa mais estranho quando se afirma que a magia da palavra pode afastar manifestações de doença, ainda mais aquelas que se originam em estados anímicos” (Freud, 1890/2022b, p. 31). A noção de afeto, introduzida nesse texto como zona fronteira entre o corpo e a mente, suscita a marcha das análises complexas e paradoxais sobre o conjunto das expressões emocionais, o universo psíquico e as manifestações corporais como registros do conteúdo sintomático.

Já o ensaio “Sobre a concepção das afasias” (Freud, 1891/2022), outro trabalho por muito tempo pouco considerado entre os mais relevantes, configura não só um importante registro sistemático de passagem das noções neurológicas para as psicanalíticas, mas também um trabalho primoroso que ampliou os caminhos das pesquisas mais

modernas voltadas para o cérebro em múltiplas áreas da ciência. É nesse texto que Freud fundamenta uma metodologia que rompe com a tradição localizacionista e, ao final, vai compor um entendimento embrionário acerca da capilaridade das funções cerebrais, inaugurando direções no terreno da neuroanatomia funcional que reinscrevem a compreensão dos problemas de linguagem e compõem, em conjunto com as considerações orgânicas e estruturais, a indissociabilidade emocional e outras conexões tão diversas para a existência humana. Metodicamente, o autor foi construindo uma rede de análises e exames do modelo de compreensão desenvolvido pelos principais nomes da neurologia da época –Meynert, Wernicke, Lichtheim e Graschey –, chegando, entre outras, a uma contribuição altamente relevante por substituir a noção de *projeção* pela ideia de *representação* (*Vorstellung*). Com isso, Freud enaltece a inseparável relação entre o registro sensível do mundo executado por cada indivíduo e as inscrições possíveis com base em sua trajetória particular, indicando uma imprevisibilidade e singularidade nos arranjos de cada composição existencial, semelhante ao que conhecemos em outras assinaturas biológicas (como as digitais, a íris, a retina e as moléculas do DNA). O estilo observador, associativo e transgressor tão presente nesse texto é, sem dúvida, um dos pontos de virada na sustentação teórico-clínica de Freud nesse período e a apropriação de uma atitude científica mais autoral que segue nos convocando a estabelecer um diálogo impressionante com suas produções. Por essa rápida passagem por, pelo menos, cinco produções teóricas relativas a esse campo de estudo e atividade clínica, é possível afirmar que, por meio da observação de crianças, Freud teve um material riquíssimo para embasar suas hipóteses sobre o que havia de patogênico na vida adulta e uma peculiar condição para sistematizar um pensamento lógico-sensível tão marcante em seu percurso.

Os primeiros trabalhos sobre paralisia cerebral infantil representam uma parte crucial do desenvolvimento da teoria psicanalítica e estão na base da ideia fundamental de que as experiências infantis

desempenham um grande papel na experiência da vida adulta. Embora tal hipótese não esteja precisamente explícita no corpo do texto, os fundamentos dessa ideia, acompanhados de toda uma nova compreensão sobre o funcionamento cerebral, surpreendem pelo apagamento quase que total de sua importância, tanto para a psicanálise como das ciências médicas em geral. Considerar a ancestralidade da experiência de Freud na neurologia não se refere apenas a uma reparação histórica. Ela também se faz urgente por sua importância nos desafios e construções do futuro. Para além de contemplar a neurologia sob essa perspectiva, é ainda mais urgente incluir toda sua experiência pediátrica, uma vez que foi justamente junto às crianças, suas famílias e os estudos de uma época que Freud mais atuou e se apoiou para criar os registros de que temos conhecimento. De acordo com Carlo Bonomi (1994, p. 55-99), a experiência como pediatra em hospital infantil corresponde à relação profissional mais constante de Freud, e conforme André Bolzinger descreveu em seu livro *La réception de Freud em France* (1999), foi justamente por seus trabalhos sobre a neuropatologia infantil que as contribuições freudianas passaram a ser reconhecidas e aceitas na França antes de 1900.

Nesse encadeamento é realmente surpreendente que seja tão escassa a atenção do meio científico e acadêmico às relações dessa vasta experiência como médico de crianças, o pioneirismo das pesquisas neuropatológicas infantis naquele momento da história e a inegável influência para o desenvolvimento de um pensamento que culminou na criação da psicanálise. Como bem colocado por Mezan, em seu texto “Freud na veia, hoje e amanhã”, o trabalho contínuo de retorno à obra freudiana incide não apenas em “reverenciar o ancestral ilustre, mas [também para] nos apropriarmos de uma teoria complexa e sutil – aprender a pensar psicanaliticamente – de utilizar seus ensinamentos numa prática cujas coordenadas foram estabelecidas por ele” (Mezan, 2017, p. 268).

Dentre as hipóteses que surgem frente ao apagamento do contato com crianças – esquecimento, inibição, trauma ou censura –, retomo o cuidado em preservar a pergunta em suas múltiplas camadas. A proposta não será explicar, e sim dar visibilidade ao conjunto histórico envolvido. Seguindo a partir desse ponto, parece-me ainda mais relevante minudenciar a atitude dos estudiosos da psicanálise que suprimiram do acervo freudiano “as marcas de suas primeiras experiências médicas envolvendo crianças históricas de sua autobiografia” (Bonomi, 1994, p. 56). Outro aspecto que parece carecer de uma maior precisão diz respeito ao extenso conjunto teórico e prático adotado nas múltiplas áreas do conhecimento da época, em que mais do que sinalizar as agressões físicas e emocionais já conhecidas, é necessário colocar maior destaque e assombro frente à normatização das castrações femininas e múltiplas violações realizadas ao longo da segunda metade do século XIX em alinhamento com o código moral regente. Por isso, toda atenção e destaque cabem na passagem de Roudinesco sobre o efeito dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, havendo nessas poucas linhas princípios categóricos a respeito dos parâmetros éticos que preconizarão, ao final, a escuta sensível como tratamento alternativo frente às cirurgias, aos castigos, às humilhações e tantas outras estratégias de coerção:

Ao construir sua doutrina sexual em torno dos termos pulsão, libido, fase, desejo ou busca do objeto, Freud libertava a criança – logo, o adulto – de todas as acusações que haviam alimentado as práticas médicas do fim do século XIX... a criança masturbadora deixava de ser vista como um selvagem cujos maus instintos cumpria domar para se tornar o protótipo do ser humano em devir (grifo da autora). (Roudinesco, 2014/2016, p. 130)

A partir de uma leitura meticulosa, que vai retirando o pó incrustado sobre alguns textos (para não dizer que a areia está sobre a totalidade), é possível reconhecer que Freud foi incluindo suas percepções, inquietações e conjecturas relacionadas às considerações em torno da sexualidade infantil a trabalhos de colegas, a pesquisas da época e à conhecida clínica com adultos. Não é preciso muito malabarismo para considerar que a tendência – consciente ou não – de atribuir a outrem aspectos pessoais diante de um território profundamente hostil pode se consagrar como medida bastante útil e protetiva. Considerando que Freud não era exatamente uma pessoa reservada e avessa aos debates, mas também ambivalente quanto às demandas de pertencimento, reconhecimento e prestígio, certamente estamos diante de um conjunto multicausal que foi se estabelecendo ao longo da história da própria psicanálise.

Um dos protótipos mais conhecidos a esse respeito está em “Análise da fobia de um garoto de cinco anos”. Neste material clínico, ele não vincula explicitamente sua experiência como pediatra às coordenadas que ali vão sendo tecidas, em que ainda afirma que: “o quadro da vida sexual infantil que surge da observação do pequeno Hans concorda muito bem com a descrição que esbocei nos *Três ensaios, baseando-me em investigações psicanalíticas de adultos*” (grifo nosso) (Freud, 1909/2015, p. 234). Ao longo desse trabalho, assim como costuma fazer em diversos momentos de sua obra, ele faz referências a outras crianças e experiências clínicas de modo amplo, “sei de casos, inclusive, em que a ‘obediência a posteriori’ da repressão constitui o essencial na determinação dos sintomas da enfermidade” (Freud, 1909/2015, p. 159). Ainda nesse sentido, no texto “Contribuição à história do movimento psicanalítico” (Freud, 1914/2012, p. 159), há outra importante e contraditória referência quanto à irrelevância das suas experiências como médico pediatra, uma vez que “não tinha oportunidade de fazer observações diretas em crianças” (Freud, 1914/2012, p. 261). Sem

dúvida, essa declaração se torna significativamente mais delicada e problemática quando consideramos o contexto dos círculos pediátricos profundamente marcados pela ligação entre a masturbação e as perturbações nervosas infantis, acrescido do seu treinamento sob orientação do pediatra de Berlim, Adolf Baginsky (Bonomi, 1994).

Se de um lado temos os registros de sua larga experiência no campo da pediatria, tanto na pesquisa quanto na clínica, de outro também acompanhamos todo o empenho de Freud em demarcar especificidades em relação ao conjunto psicanalítico propriamente dito que lhe garantisse inserção no ambiente científico, em especial no meio médico. Considero importante ressaltar esse ponto no radar, pois, de alguma maneira, parece ser necessário destacar que os elementos da escuta das crianças só passaram a existir e ser legitimados quando outro cenário social e psicanalítico já havia se estabelecido. Nessa sequência, a passagem a seguir, retirada de sua “Autobiografia”, guarda certa ironia se de fato há alguma ingênua dúvida sobre o “esquecimento” dos adultos quanto à sua própria sexualidade ou se nela habita uma discreta dose da acirrada discussão que acalorava as instituições da época:

As surpreendentes descobertas sobre a sexualidade infantil foram feitas inicialmente através da análise de adultos, mas depois, a partir de 1908 aproximadamente, puderam ser confirmadas pela observação direta de crianças, nos pormenores e na medida em que se quisesse. É realmente tão fácil nos convenceremos da atividade sexual regular das crianças, que temos de perguntar a nós mesmos, admirados, como as pessoas conseguiram ignorar esses fatos e por tanto tempo manter a lenda da assexualidade da infância. Isso deve estar ligado à amnésia que a maioria dos adultos tem, no tocante à sua infância. (Freud, 1925/2011, p. 120)

A proposta desta pesquisa está centrada na busca por reconhecer e incluir nas matrizes teórico-clínicas de Freud sua experiência com crianças, assim como reconhecer nesse trabalho como pediatra aportes que posteriormente repercutirão nos rumos da teoria psicanalítica, parecendo significativamente relevantes as ressonâncias que essas reflexões apontam e reincidem nas dúvidas, inquietações e desafios contemporâneos.

Para que esse projeto possa avançar, é fundamental elevar ao máximo o que pretende ser uma reflexão na micro-história, apoiada na análise criteriosa dos registros disponíveis e favorável às articulações que escapam da repetição dos pontos intocados que essa temática parece conter. Os registros marginalizados irão compor essa temática fortemente orientada pelo cotidiano em questão. É imprescindível uma disponibilidade contínua em relação ao exercício de uma suficiente distância, um esforço de liberdade diante das preocupações próprias do compromisso ideológico de filiação a uma ou outra composição teórica; caso contrário, o caminho se transforma em um circuito fechado e delimitado por defesas antecipatórias.

Walter Benjamin, em seu livro “O anjo da História”, coloca em ação um conjunto de reflexões móveis e variáveis sobre o conceito de História que desafiam o arcabouço dos registros tradicionais e soberanos. O historiador, orientado pela ideia “de escovar a história a contrapelo” (Benjamin, 2022a, p. 13), não está em busca de uma sequência que articule a veracidade dos fatos; está em exercício contínuo de se afastar o quanto for possível do processo de transmissão da tradição, trazendo para a contemporaneidade elementos que revigoram as análises em questão. Sustentar esse estilo parece confluir especialmente neste trabalho de pesquisa por preconizar duas concepções estruturais: a primeira expõe sobre nossa condição de pertencimento a estruturas de poder que, de tempos em tempos, regulam os princípios de normatividade,

hábitos, leis, emoções, ciência e todo um universo que pode ser pensado como as *práticas de si* (Foucault, 1984/2020b); a segunda problematiza a fronteira que convém à relação entre o passado e o presente pertencentes a um espectro *continuum*, no qual Benjamin provoca mais além a historicidade não apenas na direção da ligação inexorável do presente com a história antepassada, mas evoca o instante, proposto por ele como o *Agora*. Nesse ponto, o presente torna-se o local e o momento do passado, rompe as estruturas tradicionais com seu magma revolucionário nas ligações identitárias entre *aquela* passado e *este* presente. A seguir, um importante trecho desse autor é trazido para instaurar uma matriz direcionadora desta pesquisa, além da fina articulação que coloca em relação as concepções indicadas anteriormente:

A historiografia materialista, por seu lado, assenta sobre o princípio construtivo. Do pensar faz parte não apenas o movimento dos pensamentos, mas também a sua paragem. Quando o pensar se suspende subitamente, numa constelação carregada de tensões, provoca nela um choque através do qual ela cristaliza e se transforma numa monada. O materialista histórico ocupa-se de um objeto histórico apenas quando este se lhe apresenta como uma tal monada. Nessa estrutura ele reconhece o sinal de uma passagem messiânica do acontecer ou, por outras palavras, o sinal de uma oportunidade revolucionária na luta pelo passado reprimido. E aproveita essa oportunidade para forçar uma determinada época a sair do fluxo homogêneo da história. (Benjamin, 2022a, p. 19)

O cerne deste estudo, portanto, reconhece nas transformações dos contornos biodinâmicos a partir da psicanálise tanto as mudanças nos paradigmas ressoantes na época de Freud como o mais atual respaldo científico cunhado pelas novas tecnologias no século XXI e a admissão

da metodologia psicanalítica nos mais variados enquadres sociais (terapêutico, filosófico e político). Doravante, seguiremos preservando uma tensão necessária para sustentar e reconhecer, na atualidade deste trabalho “arqueológico”, o que há de contemporâneo nos desafios de uma clínica que possui uma

dimensão ética e política da sua concepção do homem, aquilo que a torna apta a servir de apoio a uma postura crítica frente ao discurso tecnicista que nas últimas décadas se tornou hegemônico em tantas áreas da vida cultural e social. (Mezan, 2017, p. 268)

Recordo neste instante um sujeito que conheci numa viagem e que, ao encontrar o seu carro “gentilmente” lavado por uma simpática pessoa que trabalhava no local onde ele fora estacionado, lamentou sentimentalmente que as marcas de lama dos trajetos extenuantes que haviam sido percorridos até ali tivessem sido eliminadas. Naquele instante, achei graça do apego ao *carro sujo*, mas hoje essa cena tão desprezível se revela como uma dose ilustrativa da condição primordial para os registros mnêmicos.

Para alguém que se percebe com os sentidos voltados aos detalhes, aos esquecimentos e à memória, o início da “trilha” desta pesquisa inclui também um encontro com minha história pessoal, que assinala um percurso de caminhadas e interesses múltiplos, parecendo ser esta uma condição favorável para acomodar experiências diversas. A primeira lembrança que tenho sobre meu desejo profissional foi dirigida à paleontologia e preservo a clara sensação do encantamento que aquela função despertou sobre mim, não como um desdobramento acerca dos impressionantes dinossauros, mas, sobretudo, pela oportunidade iminente da surpresa por vir, do encontro revelador e de um fazer que combina delicadeza com vigor. Ainda criança, tudo era *apenas* mágico; atualmente reconheço que o conjunto todo ressoa para mim de maneira

profundamente artística e poética. A boa sorte é que o infantil insiste e, diante desse trabalho “arqueológico” em psicanálise, algo de mágico ecoa na busca dos vestígios.

Desde já tenho a percepção dos efeitos e das transformações que esta pesquisa produziu na minha relação com a psicanálise e em outras instâncias pessoais, não sendo exagerado afirmar que a realização dela foi uma experiência consideravelmente afetada pela ocorrência da pandemia do vírus SARS CoV-2, a Covid-19. A complexidade dessa ocorrência globalmente experienciada impôs a irredutível marca da vulnerabilidade, do medo, do assombro e da morte em altíssima escala, fez emergir efeitos individuais e coletivos que, por inúmeras circunstâncias, seja na clínica, expressões sociais ou no contexto político, me remeteram ao diagrama da violência e seus contornos traumáticos. Escrever nesses tempos da pandemia impôs todo um novo arranjo de existência no sentir, escutar, pensar e atuar. Essa contextualização se faz importante por muitas razões, mas destacarei apenas a complexidade e emergência de se colocar em relação quando a dimensão da violência e desamparo, sobretudo, recai sobre os mais vulneráveis. Não foram poucas vezes que ouvi de profissionais “conhecedores e especialistas em crianças” que elas passariam melhor pela tragédia por serem mais adaptáveis.

Nesse ponto, a angústia fez uma convocação: é preciso pensar sobre o mal! O enfrentamento, seja ele reflexivo ou em ação propriamente dita, trouxe à superfície temores e pesadelos que pareceram fora de lugar, catapultou nossas frágeis defesas e vivenciamos a ascensão dos modelos autoritários de base nazifacistas, o negacionismo científico e a complacências de milhares com o horror. O assunto definitivamente não acabou, e “de repente” nos percebemos submergindo em profundidades abissais sobre a condição humana. Mais uma vez, o relevo do fundo da nossa existência continua sendo uma das áreas mais complexas para nossa compreensão, e parece inevitável não desafiar esta pesquisa invadida por elementos vulcânicos na direção da crueldade e da perversão no laço social.

Após um significativo percurso por consultas, exames e avaliações médicas, os pais de Aninha¹ me procuraram após recomendação de um colega médico, com especialidade em otorrinolaringologia. Ele havia entrado em contato comigo anteriormente, contando sobre a situação da garotinha e compartilhado que, diante da ausência de indicadores “clínicos”, se colocou a pensar o que mais estaria incidindo naquela configuração – não sendo nada orgânico, geneticamente determinado ou objetivamente examinável, o que mais poderia ser tratado?

Aninha estava com quase sete anos e não falava na escola. A permanência dessa condição por tanto tempo – numa fase escolar em que não se espera mais esse tipo de entrave – passou a configurar um contexto de enorme preocupação em diversos âmbitos, trazendo dificuldades nos vínculos sociais, desenvolvimento pedagógico, aprendizagem, até, enfim, suscitar uma dúvida médica/orgânica. A família estava no Brasil há aproximadamente seis meses e a suposta facilidade entre o idioma espanhol e o português, bem como um perfil mais extrovertido, inspirava a ideia de que sua adaptação seria rápida. Aninha parecia atravessar uma importante dificuldade frente ao conjunto do que estava vivenciando, mas foi preciso percorrer uma junta de profissionais (do campo da educação e da saúde) para que sua demanda pudesse ser escutada.

O acompanhamento de Aninha transitou por fases silenciosas, tentativas de brincadeiras entre os idiomas até alcançar um certo ritmo com grunhidos e linguagem onomatopeica. Muitas cenas com animais, casas, blocos de montar, e sempre um livro de histórias antes de ir embora. Certo dia, Aninha chegou carregando um cachorro de pelúcia envolto em panos e assim que nos encontramos tratei a situação como uma emergência. Entramos rapidamente na sala, tornei-me uma médica/veterinária preocupadíssima, percebendo a gravidade, disse a ela que precisávamos agir imediatamente – não tínhamos

1 Nome fictício inspirado em Anna O.

tempo a perder. Comecei a examinar o “paciente” e pedi para que ela me ajudasse contando o que havia acontecido, que naquele momento era muito importante que ela falasse. Foi então que Aninha disse: “São palavras presas!”. Ao que respondi que, nesse caso, faríamos uma cirurgia e ela seria minha assistente. Montamos nosso centro cirúrgico com o máximo de detalhes, sem desconsiderar que a situação “exigia” muito carinho, garantimos uma cama acolchoada, explicamos para o paciente que tudo ficaria bem e que estávamos preparadas para cuidar de tudo – antes de começarmos, coloquei embaixo do cachorrinho muitas letras emborrachadas. Fizemos o procedimento, tiramos todas as letras presas, brincamos de formar algumas palavras, como colegas médicas que interagem após terem cumprido sua missão. Aninha foi para casa com o cachorrinho, levou-o com muito cuidado por conta dos curativos e a “receita” com orientações para o pós-operatório no bolso.

Passados três dias, a mãe de Aninha me ligou e de maneira muito entusiasmada me perguntou qual havia sido a “bruxaria”, pois o silêncio havia dado lugar à tagarelice antes costumeira. Rimos. Contei à mãe parte da última sessão e que a aguardava para o próximo encontro. Um mês depois combinamos a alta; a última vez que a vi foi marcada pela leitura de alguns livros numa roda com animais de pelúcia e bonecas, havia histórias em português e espanhol. Não tive mais notícias dela depois disso, e ao fundo escuto as palavras de Freud:

O leigo achará difícil entender que distúrbios patológicos do corpo e da alma possam ser eliminados por “meras” palavras do médico. Ele achará que se lhe imputa acreditar em magia. E não está de todo enganado; as palavras de nossos discursos cotidianos nada mais são do que magia empalidecida. Mas será necessário trilhar mais um desvio para tornar compreensível como a ciência consegue devolver à palavra pelo menos uma parte de seu antigo poder mágico. (Freud, 1890/2022b, p. 19)

À medida que esta pesquisa foi se desenrolando, acredito que também fui me enrolando, confundindo, desinteressando, até o ponto em que entristeci. Quando pude recuperar a escuta para o que estava em cena, fui me aproximando da dimensão assombrosa que me capturou e para onde essa pesquisa passou a me conduzir. Meu percurso com crianças – não apenas clínico, uma vez que durante a faculdade de psicologia atuei como professora de inglês numa escola para pequenos de dois a seis anos e tinha aproximadamente trinta aluninhos – no momento em que escrevo completa, aproximadamente, vinte anos. Esse caminho se constitui ininterruptamente no consultório, em múltiplas instituições, cursos, especializações, mestrado, trabalhos junto às escolas e outros profissionais das mais diversas áreas. Já são para mim incontáveis os encontros que tive com bebês, crianças, adolescentes e suas famílias.

Retomando a ideia de assombro, considero que o conjunto que me colocou nesse estado de sensações transformou meu olhar sobre a pesquisa com a qual me imaginava envolvida, revelando para mim o contexto de práticas violentas e invasivas estruturalmente instaladas no campo da infância. Aquilo que a princípio me parecia historicamente emocionante e interessante foi também fomentando uma inquietação ideológica e movimentando matrizes conceituais. Ressalto, a partir desse ponto, que o caminho seguirá por trilha sinuosa e, para nele permanecer, precisei sustentar releituras, revisões e indicadores desafiadores. Tornou-se importantíssimo retomar o entendimento geral sobre a infância e os processos da constituição humana, os profissionais e demais envolvidos no cuidado, todo um novo trabalho de reconfigurar os representantes atuais de uma cultura e um tempo.

Assim pergunto: seriam práticas pedagógicas e pediátricas contemporâneas de castração (em sentido objetivo e metafórico) a escandalosa perda de medida no uso de medicações, o descontrole diagnóstico e o abandono/entorpecimento virtual? E o que dizer sobre as práticas educacionais e “terapêuticas” adaptativas, formatadoras de cidadãos

preparados para o “novo tempo”, a exigência excessiva e precoce de performances, rotinas exaustivas e desinvestimento no universo lúdico?

Proponho que permaneçamos nesse território arriscado e suportemos uma parcela da complexa teia que faz movimentar algo que diz respeito a todos nós, que não percamos mais uma vez a possibilidade de romper com densas tramas “inocentes” e favoráveis à manutenção do desmentido que enlaça um conjunto amplo sobre a sexualidade e o infantil. Por razões diversas, parecem ter sido inúmeros os adiamentos do reconhecimento de que Freud possa ter sido atingido traumáticamente, ou que tenha escolhido recuar frente ao temor dos impactos de *certas* descobertas, a esse ponto já reconhecidas como tendo sido *largamente acessadas em termos clínicos e teóricos*, envolvendo um considerável número de práticas violentas dirigidas às crianças.

Penso que o empenho nas escavações históricas deixa escapar noções muito sensíveis quando, de forma frustrante, tentam se couraçar diante do alcance doloroso dessa problemática, a energia de enfrentar e retirar das sombras a espessa camada que insiste em mascarar a verdade se reafirma a todo momento. Tal ocorrência aparece em especial nessa sequência, por exemplo, nos confrontos acalorados em torno do abandono da teoria da sedução, em que o anúncio indesejado de uma sociedade marcada por famílias centradas na ideia de práticas abusivas deslocou-se para um embate sobre a biografia dos indivíduos envolvidos com contornos persecutórios e interrogativos. Mas o que aconteceria se, para além da diligência, os esforços seguissem para manutenção do jogo entre luz e sombra que suporta as nuances e profundidades necessárias para a aparição de imagens, suscitar sensações e invocar emoções – seria como chamar a Medusa para dançar?

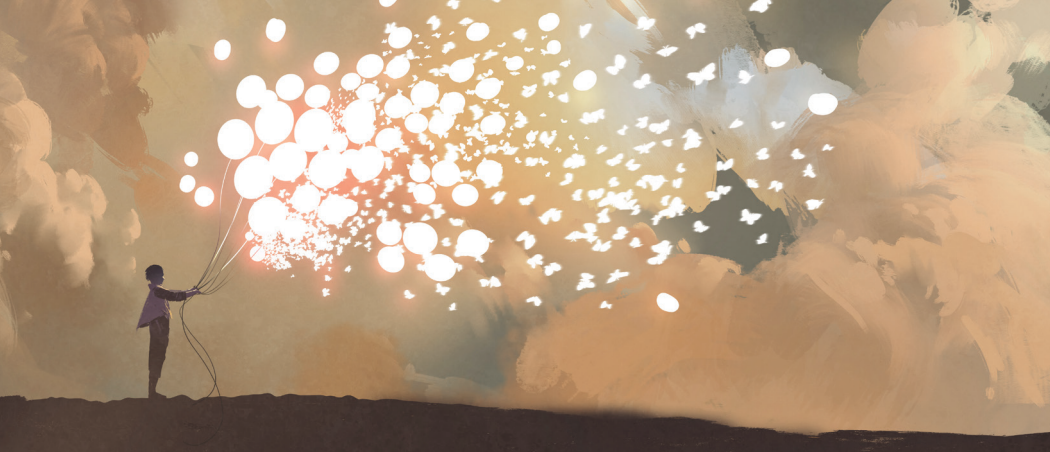
A escrita dos “Três Ensaios sobre a Sexualidade” parece ter sido a via (menos perigosa) escolhida, assemelhando-se mais a uma corda bamba do que propriamente o chão firme, mas com apoio suficiente que, sem dúvida nenhuma, ampliou o entendimento sobre a sexualidade e propulsionou reposicionamentos revolucionários nas ideias que

passam a orientar todo um campo, não apenas em relação às crianças, mas sobretudo a elas.

Antes de passar para a próxima etapa, trago um extenso trecho de Freud contido no caso do Pequeno Hans por provocar um afetivo encontro com o que espero reunir nesta pesquisa, desde a dimensão mais delicada sobre o desenvolvimento da criança e a atitude do analista, que em alguma medida “torce” pelo processo como alguém que espera o bolo crescer no forno ou que a sementinha do feijão brote em meio ao algodão; mas, sobretudo, ao trecho em que ele suscita elementos da cultura e da sociedade para pensar o lugar que é dado às crianças – espero retornar a essa discussão no capítulo final do trabalho. Convido para uma leitura sem pressa e que, a cada passagem, algo da delicadeza do infantil possa ser lembrado. Nesse espaço entre o autor e o leitor, entre a história e a imaginação, há algo profundamente violento que atravessa as margens da infância e é sobre essas brasas que muitas vezes iremos caminhar neste trabalho:

Também direi, em minha confessa parcialidade para com Hans, que ele não é o único menino assaltado por fobias em algum momento da infância. Sabe-se que esses transtornos são muito frequentes também em crianças cuja educação deixa a desejar em matéria de rigor. As crianças atingidas tornam-se depois neuróticas, ou permanecem saudáveis. Suas fobias são caladas a gritos, pois são inacessíveis ao tratamento e, sem dúvida, bastante incômodas. No curso de meses e anos elas arrefecem, aparentemente são curadas; mas ninguém sabe que modificações psíquicas são requeridas para essa cura, que mudanças de caráter estão ligadas a ela. E, ao receber um neurótico adulto em tratamento, alguém que, supomos, adoeceu manifestamente na idade adulta, via de regra vemos que sua neurose se relaciona àquele medo infantil, representa a continuação

dele, e que, portanto um trabalho psíquico ininterrupto e também imperturbado desenrolou-se por sua vida a partir daqueles conflitos, não importando se o primeiro sintoma foi duradouro ou recuou sob pressão das circunstâncias . . . Na educação das crianças apenas queremos ser deixados em paz e não ter problemas, em suma, criar um filho bem-comportado, pouco nos importando se esse curso de desenvolvimento é vantajoso também para a criança. Posso então imaginar que tenha sido benéfico para Hans produzir essa fobia, porque dirigiu a atenção dos pais para as inevitáveis dificuldades que, na educação para a cultura, a superação dos componentes instintuais inatos deve ocasionar para a criança, e porque este distúrbio acarretou a assistência do pai. Talvez agora ele tenha, em relação a outras crianças, a vantagem de não mais trazer em si aquele germe de complexos reprimidos que sempre significa algo para a vida futura, que certamente traz deformações de caráter em alguma medida, se não a predisposição para futura neurose. Inclino-me a pensar assim, mas não sei se muitos outros partilharão meu julgamento, como também não sei se a experiência me dará razão (grifo do original). (Freud, 1909/2015, p. 277-279)



Como psicanalista de crianças, Marcela Carolina Schild Vieira é reconhecida por sua sensibilidade e inventividade. Como pesquisadora, destacou-se com um estudo sobre a noção de espelho em Lacan e Winnicott. Em seu doutorado em Psicologia Clínica pela PUC-SP, defendeu a tese de que os dez anos em que Freud atendeu no hospital infantil de Viena influenciaram profundamente sua teoria da sexualidade infantil.

Neste livro, a autora aborda uma questão alarmante da sociedade contemporânea: a medicalização excessiva e, muitas vezes, indiscriminada na infância. Comportamentos e processos naturais são tratados como patológicos, é preciso observar: as crianças estão vivenciando seu pleno desenvolvimento ou respondendo à sobrecarga do complexo modelo atual de existência? Quando poderão simplesmente brincar, explorar e criar?

Com escrita clara, argumentos sólidos e éticos, o livro é uma leitura essencial para pais, educadores, profissionais da saúde e do direito, interessados pelo tema infância.

Renato Mezan

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2641-3



9 788521 226413



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Freud pediatra

A experiência com crianças na origem da psicanálise e suas ressonâncias na contemporaneidade

Marcela Carolina Schild Vieira

ISBN: 9788521226413

Páginas: 200

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025
